SÉRIE I — N.º 1 Fevereiro de 1905

Luz e Vida

SOCIOLOGIA
ARTE
CRITICA

DIREÇÃO de
ANGELO JORGE

Luisa Michel

Ha já algum tempo que não pertence ao número dos que vivem lutando pela verdadeira Vida, Luisa Michel, a famosa *Virgem Vermelha*, Luisa Michel, essa nobilíssima, inolvidavel figura de Mulher, esse perfil augusto de Revolucionária. Desde alguns meses que uma doença terrivel a havia derribado; resistira-lhe — infelismente por pouco tempo.

Todos os jornaes franceses, enganados por intempestivas noticias, lhe tinham consagrado então sentidos necrológios que ela lêra, experimentando assim o goso extranho de assistir, antecipadamente, ao seu próprio entêrro.

E, coisa curiosa, que foi, para aquéla pobre alma sofredora, o melhor lenitivo, — mesmo os seus mais acérrimos adversários haviam deposto armas perante esse túmulo que julgavam aberto.

O próprio *Gaulois* e a *Libre Parole*, esquecendo, por uma hora, o papel revolucionário que essa nobre Mulher havia desempenhado, dedicavam á sua morte as mais sincéras frases de desconforto e sentimento.

E' que do perfil moral de Luisa Michel, a boa, a santa Luisa, irradiava tal esplendor de bondade, de desinteresse e d'abnegação, que jámais as mesquinhas paixões politicas, os pequeninos preconceitos partidarios, conseguirão, sequer, escurenta-lo . . .

*
* *

Luisa Michel foi, no princípio de sua carreira, mulher de letras. Compunha então versos por onde perpassava um forte sôpro de misticismo, novelas, libretos, etc. Segundo as suas modestas expressões, «nenhum dos sintómas da loucura lhe faltava».

Não sonhava ela então — éra isto em 1857 — em mais nada que não fôsse a glória literária — a, dificil, a não raro, tristíssima glória literária. Nessa época endereçava ela ao editor Lacroix uma carta onde se liam os tópicos a seguir:

> Para que essas obras mereçam publicidade, é preciso que a autôra seja conhecida; para isto não vejo outro meio que não seja o publica-las. Como saír deste terrivel dilêma?

E' esse o problema intrincado que todos os estreiantes se formulam um belo dia... A obra a que Luisa Michel havia dado então as derradeiras pinceladas, éra um poemêto tendo por têma a «Morte de Gilberto», assunto, afinal, inofensivo.

> Quanto a esse livro, acrescentava ela, deixe-me dizer-lhe que o não considéro máu. E eis aqui porquê: tendo tomado para heróe um autor desgraçado, semeando ao acaso, nêsse livro de tristesa e d'abandono, as ideias que atormentam uma alma, deixei nele muito e muito que arranquei á minha própria alma. Ora o real não póde nunca sêr máu...

Parecem, em boa verdade, excelentes estas rasões; Lacroix, porém, é que se não deixou convencer. Luisa Michel reentrou, pois, na posse da sua obra, forçoso lhe sendo o entregar-se ao magistério para adquirir o pão. Fês-se professora, votou-se a reger a escóla d'Adelencourt que lhe entregaram. Pouco feliz foi, porém, no seu novo modo-de-vida: — não podendo curvar-se a prestar juramento de fidelidade ao Império, houve de exonerar-se a breve trecho. O inspétor d'Academia, Fayet, encarregado de fazer, a propósito, um inquérito — que resultou favoravel á joven professora — redigiu um relatório que terminava desta fórma:

> M.lle Luisa Michel tem muito mais de coração e d'imaginação, que de raciocinio e de pensamento.

A professora, em ar d'agradecimento, endereçou ao inspétor uma espécie d'ode que terminava pela estrófe seguinte:

> *Merci! J'aurais toujours, pour vous, un chant de lyre,*
> *Une prière au ciel; soit que les ouragans,*
> *Sur de lointaines mers, balancent mon navire,*
> *Soit qu'il vogue, paisible, au souffle du zéphire,*
> *Un reflet d'azur à ses flancs.* (*)

Esses versos — para que nega-lo? — éram, afinal, algo mediocres. A intenção que os ditára é que não podia ser mais louvavel. Respiravam essas rimas o reconhecimento mais sincéro, e esse sentimento é dos que melhor enobrecem e dignificam a alma humana.

Luisa Michel possuia uma grande, imaculada alma d'apóstolo, cheia de generosidade e d'abnegação. Se a toda poderosa Naturesa lhe houvesse concedido o poder verbal dum Hugo, a eloquencia inflamada dum Lamartine, a imaginação creadora duma Sand ou mesmo o encanto magoado dum Musset, ter-lhe-ia sido dado o exaltar, em páginas sublimes, os sentimentos nobilíssimos que a inflamavam.

Mas, ou porque a sua vocação literária fôsse debil, vendo cruelmente enganada a ambição legítima que um dia concebêra, ou, o que é mais provavel, porque a sua sêde ardente d'apostolado, a sua ancia irreprimivel de Justiça, lhe não permitissem o esperar que éssa vocação se fortalecesse e sasonásse, o certo é que a orientação do seu destino sofreu radical modificação.

Luisa Michel deceu as escadas do seu gabinete de trabalho e surgiu em plena praça pública.

Trocou o verbo pela ação.

É que em seu imaculado, ardente coração, albergava-se um amor imenso pelos

---

(*) Obrigada! Heide sempre ter por si um canto de lira, uma oração ao céu, quer as ondas, encapeladas, lá em longinquos mares balancem meu navio, quer ele vogue, plácido, ao sópro do zefiro, um reflexo do azul em seu costado.

fracos, pelos deserdados, pelos miseraveis, pelas vítimas duma organisação social apoiada sobre o Crime, formada pelo Roubo e pela Expoliação! Em vés de pleitear a sagrada Causa dos Sem-Pão, pena em riste, como a princípio imaginára faser, foi diretamente ter com eles, despojando-se, para os ajudar, do que lhe pertencia, partilhando os seus sofrimentos, nutrindo-os com seu pão, dando, com seu áltíssimo exemplo, lições inesqueciveis de Virtude ás proprias damas da aristocracia, que publicamente a elogiavam.

Não quer isto diser, de fórma alguma, que Luiza Michel houvesse sido, literariamente, uma perfeita nulidade. Não. Se não póde ou não quiz ser, na Arte, uma estrela de primeira grandesa, deixou, em compensação, bem afirmado um lídimo talento, uma clara inteligencia. A comprova-lo, os trabalhos que, sob os titulo de *Histoire de la Comune, Nadine, Le coq rouge, Le monde nouveau, La misére, Á travers de la Vie,* e outros, nos legou.

O seu amor entranhado á legião inumeravel dos Calcados, dos Esmagados, a sua abnegação por todos os que tinham fome de Verdade e sêde de Justiça, fasiamna implacavel para com todos os tirános, cheia d'odio sagrado contra todos os máus e todos os déspotas:

> Se eu estivesse no logar do presidente da républica, abriria os bancos e as prisões, e a França seria imediatamente renovada. Quando a sociedade moderna, cavérna escura de ladrões, fôr destruida, a harmonia e o amor reinarão entre os homens!

A sua participação na Comuna, as suas prédicas veementes, as suas estrepitósas manifestações, dão bem o conhecimento do seu caráter varonil, do seu temperamento inabalavel de Revoltada. O rasgo extranho de perdão praticado a quando da tentativa d'assassinato contra ela, por banda dum semi-doido chamado Lucas, dá bem a medida da grandesa da sua alma, das inestimaveis qualidades afétivas do seu coração virginal:

> Deixem o homem! Não foi a mim que ele tentou matar? O caso é comigo só, pois, e ninguem tem nada que vêr com isso! Esse desgraçado tem mulher e filhos... Se eu não quero que lhe façam mal algum, que teem *vocês* que se meter nisto?!

— Ha já algum tempo que não pertence ao numero dos que vivem lutando pela Vida verdadeira, a Vida d'Amanhã, Luiza Michel, a *Virgem Vermelha*, — Luiza Michel, essa nobre, colossal figura de Mulher, esse perfil augusto de Revolucionária. Deu-o corpo, emfim, á alquimía misteriosa da Terra.

A memória d'Ela jámais se desvanecerá, porém, do cérebro de todos os homens de Coração, do coração de todos os que amam a Verdade e pelejam pela Justiça.

Luiza Michel é a santa que todos nós devemos pôr em frente aos olhos de nossas Esposas, de nossas Companheiras, — para que estudem no seu exemplo de virtude imaculada, d'abnegação, d'amor, de desinteresse extraordinário pelos Esmagados, pelos Nús, para que aprendam nas palavras altíssimas que lhe tombaram dos lábios — a ser Mulheres e Revoltadas!

1905.

ADAM BUVIER.

Sofre-se como se toma o ar: naturalmente.

TOMÁS da FONSECA.

A MORAL RELIJIOSA

. . . .

Ora GNÔTI SEAUTON é a inscripção que sobre a porta do templo de Delfos chama a atenção dos humanos para uma auto-inspeção mental, para um exame proprio da sua consciencia.

Como muito bem pensa o metafisico Hegel, *(Philosophie de l'esprit,* trad. de Vèra, Tomo 1.º, pag. 1), esse preceito encerra a idea do conhecimento da pura e verdadeira essencia do homem. Diz bem o inimigo de Schopenhauer. Só se conhece bem o homem quando houver uma idea nitida do que é a sua personalidade, considerada na mais requintada abstração, na sua mais extrema simplicidade. Reunindo todas as suas qualidades, enfeixando-as por assim dizer, fazendo-as convergir para um ponto uno, adquirimos às suas mais variadas manifestaçoens e encontramo-nos em frente do *sêr,* idea irreductivel, accessivel a analyse propriada, a estudo proveitoso.

E é d'esse estudo que nos vem o conhecimento da norma da existencia, da meta, que, na evolução, não o sendo, no-lo parece, comtudo, arrastando-nos, por tal, a confundi-la com o principio teleologico.

E o que é a norma da existencia senão a moral?

Ora o problema moral é um dos mais complexos, um dos que maior atenção requer, pela sua poderosa interferencia nas acçoens humanas e, por isso mésmo, no modo de ser das proprias sociedades.

A elle andam ligadas as questoens mais serias da intelligencia porque é nesta que elle se origina.

E assim é que tendo a intellectualidade humana passado pelos tendenciais trez estados da lei de Augusto Comte, vemos que aos estados teologicos, metafisico e positivo correspondem trez variedades de moral.

E porque nos encontramos num momento de mera passagem, a moral d'hoje ainda não é a verdadeira.

Olhando a moral num aspecto amplo, geral, completo, encontramos dois campos absolutamente definidos, caracterisadamente distanciados: a moral humana e a moral relijiosa.

Esta que abranje os dois periodos da intelligencia (o teologico e o metafisico) não é por isso só referente ao catholicismo — mascara garatujada das doutrinas do Christo — mas sim referente a todas as relijioens que têm desde longa data amoldado o espirito humano a um viver parasitario, subserviente e indígno.

A moral d'hoje e nesta designação encerra-se a moral relijiosa — é um codigo elaborado pelo preconceito a favor d'alguns contra outros.

Buchner, no *Força e Materia,* diz: «O Paganismo estabelecia como virtude o odio aos inimigos; o christianismo manda-nos que os amemos». (Trad. franceza de Regnard, pag. 394).

«A lei moral *inata* ou *imperativo categorico de Kant,* diz na nota da pagina seguinte, o materialista allemão, é hoje repudiada».

É-o, deve se-lo. A moral é a resultante da complicação organica duma raça submetida a umas determinadas circunstancias, vivendo uma certa vida. O individuo traz prediposiçoens; é um automato, é um inconsciente; a consciencia advêm-lhe mais tarde dos atritos de toda a especie que encontra no meio em que é lançado.

Tem a moral principios absolutos, eternos e imutaveis? Não. Nem pode ter. O absoluto está apenas na vida, na existencia. Tudo o mais é relativo. E porque assim succede é que nós não temos, não teremos jamais uma sciencia moral. Porisso

só ha as sciencias naturais e n'esta designação abranjo a Economia Politica; ellas são a sistematisação das leis que rejem a existencia, são o conjuncto dos principios inherentes á propria existencia e porisso essas leis não foram inventadas, foram descobertas. Mas porque o foram pode dizer-se que a harmonia (principio absoluto) reina na natureza?

Não. A harmonia é harmonia segundo nós, harmonia exclusivamente relativa. A moral modifica-se á maneira que a sciencia se enriquece, que o espirito maior numero de factos abranje, que se mudam as proprias condiçoens materiais da existencia. (Letourneau, *Science et Matérialisme*, pag. 284-285).

Ella é diversa de individuo para individuo, de povo para povo, de raça para raça, e de epocha para epocha. Unifica-la como pretende fazer o catolicismo é uma insensatez. O proprio catolicismo o reconhece, pois que tem vindo num caminhar de continuas transijencias, de amoldaçoens constantes. «Quand il est le plus fort, il emprisonne ou il tue; quand il est le plus faible, il pleure et il attendrit.» (Eugène Pellètan, *Les Uns et les Autres*, pag. 109).

Os preceitos morais que os Evanjelhos apresentam têm sido apresentados sob os mais multiplos aspectos de hermeneutica, atendendo-se sempre ao mór proveito que possa advir. Proveito para quem? Para a collectividade humana? Não. Para a *cotterie* ambiciosa que se afirma crente num deus em que não crê, respeitadora dum deus que não respeita.

Porisso a marcha do catolicismo não tem sido ascensional, mas degradante, baixa e imbecil.

Elle não tem procurado arrancar as multidoens a uma escravidão economica intoleravel, a uma intoleravel escravidão politica. Elle não tem buscado harmonizar humanamente as pretensoens barbaras do capital com as reclamaçoens justas do trabalho. Elle não tem tentado satisfazer a ancia de luz das almas, nem a fóme cruel das boccas; tem, em compensação, tratado de, por todos os meios, engrandecer-se, impôr-se, insinuar-se, desmoralisando, insultando, bestificando consciencias e cerebros.

A base da sua moral é fundamentalmente egoista: «comment serais-je heureux de soufrir la faim, la soif, les maladies, l'opprobre pour le bien des autres, si je n'en dois pas être récompensé?»

Não é um jacobino quem diz isto, não é ateo quem isto escreve, não é maçon quem isto pensa, não é livre-pensador quem estas palavras nos lança. E' o abade Guinot num folheto de propaganda *(Faut-il une relijion?* pag. 38). Isto não é o egoismo social; não é a utilidade das multidoens, não é o egoismo de Stirner, chega a ser tão cruel como o egoismo de Nietzche. E' o mero bem estar do individuo á custa dos outros, é o egoismo mascarado de altruismo. E ha um deus que sanciona esta moral? que deus?. E é a crença um principio inato e universal? Onde está a universalidade d'ella? Negarão os partidarios do «consenso unanime» autoridade a um principe da Egreja catolica? E' bem de vêr que não. Então vejam: «dos bechtuanos ou betjuenas *ainda assim* uma das tribus mais intelijentes do interior da Africa meridional, diz o missionario Mofat não possuirem a menor idea relijiosa. O sacerdote portuguez Barroso, em sua passajem pelo Congo lusitano, encontrou tribus em identidade de circunstancias». (Bruno, *O Brazil Mental.* pag. 131).

Se a moral relijiosa actual é uma moral revelada pelo poder infinito dum deus, como deixar-se num estado de completa ignorancia de quem seja esse deus, uma multidão de povos, multidão que não é pequena?

Buchner *(ob. cit.*, pag. 409) entre as narraçoens de muitos viajantes sobre o mesmo assumpto, aponta, alem da do referido Mofat outras dos padres Baegert e Dobritzoffer.

E cae sobre esses povos o gladio furibundo de deus? Cai e não cai. E' conforme. Opinioens... O italino p.e Secundo Franco, da companhia de jezus, faz uma

embrulhada de palavras de tal ordem que a gente fica impossibilitado de dar uma resposta definitiva. E' afinal o processo seguido por quem não sabe o que diz. Escreve o jezuita: «Na opinião de S. Tomaz e doutros teologos, não houve idolatria antes do diluvio». «Mas dado que a houvesse, Deos não castiga quem o não merece, e de resto Deos bem sabe o que faz». *(Respostas populares ás objeçoens mais comuns contra a relijião,* trad. de José Franco de Souza, tom. I pag. 15-17). Pois sim, pois sim! A zero.

Mas o que demonstrado fica é que a crença nniversal em deos, é, hoje, inadmissivel. Assim, não bate certo a affirmativa de que a moral relijiosa seja coisa de monta, imponente e grande, pelo orbe acatada, ou, pelo menos, atendida.

Mas, excerpto dum ensaio, sem pretensoens, sem resaibos de erudição bafienta ou profunda, não é toleravel que, casualmente abordando o caso de «consenso unanime», nos alonguemos por'hi fóra. Outro rumo levamos.

De começo se disse que a moral é uma mera convenção e em ensaio anterior se demonstrou que na Natureza não ha Bem nem ha Mal.

«Il n'y a dans l'état de Nature. ni juste, ni injuste». (Spinoza, trad. de Émile Saisset, *Éthique,* IV, prop. 37, schol 2). Sim? Mas brada Schopenhauer: «si le monde est une théophanie... il n'y a plus de moral» *(de monde comme volonté et comme représentation,* trad. de Burdeau, pag. 402 do tomo III). Ahi temos por linhas travessas a condemnação do catolicismo, os principios da sua moral.

Se o mundo é manitestação de deos, as obras más como as boas obras por deus são causadas. A objecção livre-arbitrio é sabida mas não pega. O proprio conhecimento das regras de conducta a condena. Mostrar o bem, mostrar o mal, é já, de per si, consequentemente, determinar. Dar liberdade a quem, sabendo-o nós anteriormente, vai cahir por via dessa mesma liberdade, num abismo, é criminoso.

De modo que com a pretensa invenção misteriosa do universo sêr a emanação da essencia de deus, o catolicismo arranja lenha para se queimar, desfaz o que primeiro construira: a sua moral.

Mas nem só com isso: com o seo procedimento, tembem. Para se prégar uma doutrina é necessario, primeiro que tudo, ter-se auctoridade.

Bouddha abandonou riquezas e palacios, grandezas e lar; arranjou adeptos. Christo chicoteou os vendilhoens, perdoou á adultera, passou faminto e entediado pelas praças, deixou-se crucificar; conseguiu crentes. Kropotkine desprezou garantias e honras, rasgou os pergaminhos heraldicos e a farda de principe e foi para o exilio sonhar o verdadeiro rejime do Amor e da Verdade; é hoje um santo.

Ora o catolicismo não. As ordens relijiosas, a nata dos productos catolicos, estão gravadas bem flagrantemente no *breve* que extinguiu a Companhia de Jesus. Clemente XIV historía nesse notavel documento, a piedade, a humildade, a resignação de muitas dessas ordens a começar pela Ordem Regular dos Humilhados extincta por Pio V até á Companhia de Jesus. E dizia elle:

«Pai comum dos Fieis, e Cabeça de todas as Ordens Relijiosas, não farei cousa que primeiro não tenha examinado, pezado, e julgado, segundo as leis da justiça, e da verdade.» *(Cartas interessantes,* carta CXXX, *A hum senhor portuguez,* II, pag. 209. ed. de 1814).

A obra d'elles ahi está: uma moral que desmoraliza.

. . . .

Do *ENSAIOS,* a preparar-se.

ALFREDO PIMENTA.

NAS BARRICADAS

A Marcellino Correia

Eis-me na luta emfim! Perguntam d'onde venho,
Minha patria qual é, quem sou e o que procuro...
Homens! venho buscar aquilo que não tenho,
Alargar eu tambem a estrada do Futuro!

Ha quanto tempo que eu, viseira desprendida,
Venho correndo atraz desta miragem linda,
Miragem que talvez não tocarei na vida,
E meus filhos depois mal gosarão ainda.

Desherdado da vida, olhos no céu distante,
Resei, cantei, chorei, cavando a terra exangue,
Mineiro e cavador, soldado e navegante,
Minha estrada reguei com lagrimas de sangue.

Uma manhã, sentindo a fome no meu lar,
Peguei n'uma sacola ao hombro e fui pedir,
A vêr se alguem me dava um pão para jantar,
A vêr se alguem me dava um leito onde dormir.

E do mundo atravez, sofrendo e mendigando,
A dor no coração, tal qual a sinto agora,
Aos palacios bati, a vida suplicando,
Mas lançavam-me os cães para me porem fora.

O' sonho virginal d'essa existencia pura,
Em que eu sonhava o mundo e os homens irmanados:
Nossa vida afinal é como a noite – escura –
Onde ha feras mordendo e uivando aos desherdados.

Ah! antes tu, ó luz do sol, nunca me visses!
Pois que vale eu viver n'esta miseria, quando
Outros comem meu pão, como ao guerreiro Ullisses
Do seu proprio palacio ás portas esmolando?

A vida! o que é p'ra mim, sem norma e sem direito,
Pobre filho da terra, obscuro, acutilado?
Os assassinos tem-me engatilhada ao peito
Uma espingarda, – eu vou morrer assassinado...

Embora! hão de encontrar-me alerta, no meu posto,
E hade descer a noite e a aurora hade subir,
E quando o sol divino iluminar meu rosto,
Os que me vem seguindo hão de depois fugir.

No emtanto pesa a dor e eu vivo subjugado
Ao peso d'essa dor, a dor que ninguem tem...
O' morte entrando á noite ao quarto do noivado!
O' lagrima d'um filho ao colo d'uma mãe!

Na rua choram mães e os filhos pedem pão,
Operarios sem lar vão maldizendo a vida . . .
O' meu povo, onde está quem te estendia a mão,
E te enganou, falando em Terra Prometida?

Conheço bem que a nossa independencia é morta,
E que só um sangue bom pode ressuscital-a.
Que se derrame, pois! Morrer: viver que importa
Se os que ficam depois de nós vão alcançal-a?

O ferro já lampeja ao lume das fornalhas,
Nas vigornas estão-se amalgamando enxadas . . .
E' isto a que se chama o sopro das batalhas,
Companheiros, é assim que se fabricam espadas.

Temos já os pés em sangue e esfarrapada a farda,
O' terra, nossas mãos, vida não podem dar-ta.
Mas sabemos pegar inda n'uma espingarda
Saberemos morrer como um soldado em Esparta.

Mas ai! onde é que estás, luz da felicidade,
Quando te mostrarás, Terra da Promissão?
Que eu por mim só desejo o sol da liberdade,
E o teu amor, mulher, onde meus sonhos vão.

TOMÁS da FONSECA.

A BARTOLOMEU CONSTANTINO

Que importa, Irmão, que a Lei, tiránica, homicida,
nos mande assassinar, nos fira e atormente,
se nunca ha de morrer o Ideal aurilusente
que a nossa alma arrasta á luta, sempre ardida?

A Ideia é imortal: etérna como a Vida!
Contra ela, houvesse deus, e deus éra impotente...
Póde tombar, vencido, um bravo Combatente,
ela, porém, jámáis, — jámáis será vencida!

Etérna em seu fulgor, em sua virgindade,
embora reine o Crime e vingue a Iniquidade
no mundo que só dor e só miséria encerra,

dentre as nuvens, bem alta! incorpórea, intangivel,
a Ideia, a virgem pura, a deusa incorrutível,
desdobra as longas asas brancas sobre a Terra!

ANGELO JORGE.

UM CRIME CELEBRE

Ficava a matar como nome-reclamo duma peça dramatica e não passa da intitulação dum facto triste, com desfecho previsto no codigo penal, que faz cocegas no organismo portuguez e empresta um pouco de vida externa, fóra de casas, á mesquinha cidade provinciana.

E' o crime chic, como podia ser o vestido *dernier cri*. Ambos despertam a attenção e se discutem, se analysam e se amam, ambos causam o espanto dos que o veem passar, entre a força publica ou entre os adoradores senis, a caminho de casa, palacio ou penitenciaria, pelos *boulevards* ou pelas vielas. Entram, egualmente, na categoria dos factos sociais, sam revelações identicas da mesma alma universal e figuram no jornalismo — seja no *Noticias* seja no *Mundo Elegante*.

Amanhã, por uma coincidencia bisarra que não consente que se affastem as coisas alliadas, apparecem como walsa ou como poema e na propria historia, que nós nos habituamos a respeitar, á força de palmatoadas na escola, como a senhora honesta, lá estarão, indissoluvelmente gemeos, para caracterisar a feição duma epoca e dar rasão de ser ao penoso labor intellectual dos sabios — alfaiates ou legistas.

A logica social, tam fria e tam cruel, une assim os movimentos da rua sob o mesmo aspecto, sob o mesmo valor, sob a mesma nevrose que os gera e que os admira e liga-os ainda na côr — as chapadas de sangue que o punhal faz espirrar do peito para manchar o pó e tonificar os troncos duros dos cardos, e o laço, artistico e maravilhoso, da fita de velludo purpura dum chapeu, para desenvolver, rapidamente, o modo elegante dos laços, dos nós, das fitas e dos chapeus.

E, como a loira, muito loira, mundana que agitou a novidade, a esquecida terra vê-se, com um orgulho esquesito que se desabafa aos chás, elogiada nos jornais, estampada nos jornais, arremessada nos jornais, jogada nos jornais, para que o mundo admire a sua graça ou o seu engenho, a curva das suas ancas ou a pieguice dos seus monumentos, a noite escura dos seus olhos ou o fetido a pedir chloreto dos ourinoes, risonha, meiga e inquieta á espera do noivo que a peça ao papá ou do *touriste* que supporte as pulgas dos hoteis e lhe compre os pentes das suas fabricas.

E' a notoriedade conquistada. O crime, cuja origem mythologica se perdia na pathologia social, passou a ser um indispensavel, um poderoso agente da economia, um serviçal dos caminhos de ferro, um cicerone erudito, um moço de fretes e transformar-se-ha, progressivamente, ás costas do commercialismo, num snr. deputado da nação portugueza.

N'este momento, com o natural pejo e as devidas cautellas duma nova especulação, todos nós admiramos a sua força, o iman fructifero da sua diplomacia de annuncio banal, por exemplo comparativo:

GABÕES D'AVEIRO

CASA do JOSÉ CLEMENTE

O melhor remedio para as constipações.

ou

O CRIME DO ZÉZINHO DE SEGADE

NO TRIBUNAL DE GUIMARÃES

Ha comboio a horas convenientes. O melhor hotel é o do Toural.

A moda pega e declarar-se-ha constitucional, numa reunião do municipio ou numa sessão de irmandade e, quando nós quisermos dar uma festa, chamar forasteiros, substituir o pobre do S. Torquato, já reumathico e aposentado, pensaremos em organisar, na capellinha da justiça, o julgamento dum extraordinario crime, duma causa de appetite.

Alguem perderá. As doceiras mudam-se, os pregadores bacharelam-se em direito. Porque, meus senhores, o sermão é já parte integrante. O jurado aguenta-se como funccionario legitimo, especie de saca-rolhas de questões intricadas, por causa do discurso. O discurso é tudo; fica-se para ouvir o discurso como na romaria para ver o fogo.

Presentemente mesmo, a estreia dum advogado tem avolumado o interesse. A multidão fita-o, a cada momento, como perguntando aos seus labios — que dirás tu? far-me-has chorar?

E' uma ancia, uma febre que empilha na pequena sala tam tragica e tam nua, os operarios e as toleradas, a elegancia e o clero.

Chega a hora. O juiz sua para conseguir o silencio austero. E tudo saca do relogio. A eloquencia mede-se pelas horas, critica-se pelo tempo — cinco horas: é um talento, sete horas: é um genio! O reu é absolvido e a pobre garganta do advogado não precisa de chlorato, precisa de concerto.

Afinal, no crime que os snrs. jurados vam, amanhã, sentenciar, eu encontro apenas um depoimento que merece registo especial. Em face das provas e pela opinião geral, o homem está condemnado.

Os seus quarenta annos irão enterrar-se, sem que haja um unico grito de piedade, numa penitenciaria. A mão, que disparou a espingarda, hade procurar, num gesto de dor, a morte consoladora, a morte libertaria. O Zezinho de Segade, que é um assumpto, passará a ser um enorme desgraçado, que as leis impias e a justiça estupida dos homens esquecem, apodrecendo, sem moral e sem saude, na cella da inquisição tenebrosa em que se não ri, em que se não geme. A sua força impulsionante, perigosa, automatisa-se — é um numero, um numero que trabalha, que come e que ouve missa. O recluso não terá um pensamento, na asphixia da sua individualidade, na *medicina* mortal do seu castigo e nenhum de nós pensará tambem n'elle.

Foi o heroe dum dia! Da aldeia, onde era a *festa,* passou para a caverna hedionda, para o tumulo de vivos, onde será a *besta.*

Matou. E, quando a victima arquejava afflicta, no carreiro infernal, sob o sol quente de junho, o assassino dava-se o mais louco suicidio, um suicidio demorado e solemne, um suicidio obrigatorio e coactivo. A agonia, enorme e obscura, é um pasmo horrivel em que se vai perdendo, anno a anno ou seculo a seculo, uma a uma as noções do caracter, uma a uma as forças do corpo.

A lingua immobilisa-se, o olhar paralysa-se e as cellulas do cerebro, ordenadamente, dissolvem-se ou isolam-se e hoje é o nome proprio que se esquece para amanhã ignorar a existencia dum filho.

Toda a cidade corre ao tribunal para o ver, num praser sensual e numa impiedade execranda. Os jornais, ásperamente, gravam-lhe as feições. Haverá rugidos de alegria, bravos de admiração quando a sentença, sagrada, o declarar criminoso. E' Nero que admira o incendio de Roma. Somos todos nós que produzimos o crime, que nos acotovelamos no regosijo do espectaculo sangrento de duas mortes.

Só a Luiza, a amante, o tenta salvar. Mente — e na mentira ella é sublime; mente quandos todos nós julgamos dizer a verdade. A Luiza atravessou com elle a vida, descansou a seu lado, dormiu na sua casa; no seu corpo ha ainda o cheiro dos seus abraços, nos seus labios palpitam os seus beijos e no seu ventre, fecundo como a terra, estremeceram os filhos do assassino!

A Luiza mente porque a Luiza vê o irremediavel, palpa o abysmo — sabe que

hade voltar para casa, só, eternameure só, sem amante para o catre e sem pai para os filhos. A sua velhice principia, a sua morte começa, na aldeia aspera, fugida pelo monte com medo das mulhersinhas virtuosas, na soledade obscura onde não chegam as noticias d'elle.

– O nosso pai? O nosso pai?

Morreria? Quanto terá penado? Só muito mais tarde, a Luiza o sentirá quando a terra, sempre meiga, os transformar em novas forças, em novas vidas.

Todo o drama se desenrola, custosamente, pergunta d'aqui, pergunta d'acolá, na sala pintada de branco. Os jurados fingem reflectir. O escrivão dormita. O publico arrota.

E a Luzia teima ainda, a Luiza mentirá sempre. A mulher é, mais uma vez, a companheira amorosa, a bondade persistente, o esforço divino.

Os filhos do condemnado, por quem a desgraçada luta, a quem só a desgraçada ama, poderão, um dia, saber de seu pai. Que leiam os jornais, que nos perguntem por elle. Recordando nma coisa interessante, entre quatro fumaças de charuto, nós contar-lhes-hemos, pandegamente, esta historia do crime celebre.

– Vosso pai? o maganão! Um julgamento que durou oito dias.

A nossa memoria reproduzirá mesmo algumas phrases mais salientes dos discursos.

Mas, porque não nos julgarão a nós, á cidade e ao país, os filhos do Zézinho de Segade? Porque não hamde elles vlngar-se da burguezia dominante e dizer-lhe que os crimes de seu pai sam os crimes que nós praticamos, de que todos nós somos auctores?

A velha Germania, communista e pagã, de mulheres castas e de homens robustos que punham em fuga, com o seu aspecto varonil e os seus cabellos abundantes, as hostes romanas, avilta-se e crapulisa-se sob a influencia da emigração das suas raças e da propagação do christianismo.

A coexistencia de elementos heterogeneos degenera o povo germano, sensualisa-lhe o amor e a caça, ergue um contraste doloroso entre a sua cupidez evolucionista e a sua personalidade selvagem.

As mulheres adornam-se, os homens embriagam-se. As filhas dos principes dedicam-se á diplomacia politica, os padres christãos e os homens livres adoptám a polygamia.

As leis da naturesa sam eternas e immutaveis.

A decrepita burguezia, ao peso das suas paixões contradictorias e na luta reaccionaria contra as ideias luminosas de justiça e de verdade, refocila-se no lamaçal immenso dos seus vicios e, avaramente, no grande receio do sol que vai nascer, sepulta na penitenciaria as provas dos seus crimes, as victimas da sua ignominia.

– Mai, mai! porque matou o pai aquelle homem?

E a Luiza santifica-se na mentira.

Guimarães, 20 – Dezembro. – 904

EDUARDO D'ALMEIDA.

O Anarquismo, em toda a sua puresa, é um sublime Ideal que as sociedades modernas vão dia a dia, realisando. Incriminá-lo é, sobretudo prova d'ignorancia.

DR. BERNARDINO MACHADO.

ANARQUISMO

I

A ANARQUIA é a ORDEM

Quasi todos os princípios fôram admitidos com iguaes rasões e identícos motivos com que o fôram os princípios religiosos. Primeiro uma concéção que pareceu boa; mais tarde uma tese que se julgou justa; em seguida, as sociedades que surgiram após a doutrina proclamaram-na como indiscutivel — o dógma. O princípio da autoridade tambem d'ess'arte foi formado; depois os homens imaginaram que sem autoridade não podiam viver, ignorando que os seus antepassados para nada precisaram déla.

Hoje a Anarquia é o cáos, e aceitamos tal principio sem admitir rasões. A próva disto tudo fornecem-no-la os séculos. Mas quem nos diz que a Anarquia é a desordem? Os sabios que escrevem livros e publicam dicionários. Chega a ter graça, a coisa. Acaso são eles Anarquistas? Não; são inimigos da Anarquia...

Que nos diz o padre acêrca do livre-pensamento? Que é muito máu. Que diz o livre-pensador, do catolicismo? Que é peor. Que diz o républicano, da monarquia? Que é uma fórma de governo contraria á liberdade. Que diz o monárquico, da républica? Que é a morte dos principios santos. Que hão de, pois, diser os autoritários, da Anarquia? Que é a pilhagem, o deboche, o roubo, o assassinato, etc. E' lógico.

A république deve ser o que déla nos disem os républicanos; o livre-pensamento o que dêle nos contam os livre-pensadores; a monarquia o que déla nos narram os monarquistas, e o catolicismo o que dêle nos ensinam os católicos. Nós outros, os Anarquistas, achámos péssimos o catolicismo, a monarquia e a républica, pelo que dêles nos disem os seus partidários; os nossos inimígos acham formoso em excesso o que disem da Anarquia os Anarquistas; depois, porém, forjam uma anarquia particular e brigam contra a concéção que elles, inimígos da Liberdade, se formaram da Acracía. A Anarquia não é o que disem os autoritários; a Anarquia é, tão só, o que disem os Anarquistas. Por isso a amam. Por isso a defendem.

Raciocinemos.

Toda a necessidade sentida pela naturesa do homem é justa; a não satisfação déla infére um ataque á Vida, antepondo uma concéção errónea, imposta pelo fanatismo e pela ignorancia, a um pedido, a uma exigencia da naturesa humana. As manifestações désta naturesa, sejam da índole que forem, constituem a melhor regra para a saúde do homem. Pensemos no amor, que quer ser livre, e que sendo livre, é quando melhor fruto dá. Pensemos no pensamento, que não admite entraves e que sem entraves, é como a sua missão se cumpre. Pensemos no estómago, que quer saciar-se e que, saciado, é como alimenta o cérebro e dá força e calor ao sangue.

E é isso o que a Anarquia pretende: — faser chegar o homem á plenitude do seu poder, da sua autonomia, das suas necessidades. Qne todos gosem, que todos amem, que todos riam, que todos trabalhem, que todos contribuam para a producção e para o consúmo, para o gôso e para a dôr, para o trabalho do corpo e para o do cérebro!

E é isso a pilhagem, a desordem, o roubo, o deboche? É — para os que conhecem a Anarquia como os aldeãos conhecem os antropófagos: d'ouvir falar nêlles...

Ah! não. Isso é a Justiça. Isso é o Amor! E' isso a Anarquia.

Raros que tal lêram dirão ainda que éla é má; alguns apenas afirmarão que

é impossivel. Que esses pensem no leão encerrado na jaula, o qual, no diser do domador — o verdugo — não póde ser livre porque arreganha os dentes á vista do ferro em brasa que por mais duma vês lhe ha queimado o focinho, — e se convençam, como nós outros, que a idea do Poder surgiu dum estado mental que se foi formando ante os esgares de cólera, os punhos erguidos e os dentes cerrados do homem esfomeado, sujo, raquítico, açoutado, perseguido com toda a espécie de privações e d'atentados, pelos domadores e pelos verdugos da Humanidade.

A Anarquia é a paz e a ordem, porque não ha guerra nem desordem onde não haja tiranos nem verdugos.

FREDERICO URALES.

II

A INEVITABILIDADE DA ANARQUIA

Que a Anarquia é bela, é encantadora, vista através do que acêrca déla nós outros, seus adeptos, asseverámos — disem-me todos ou quasi todos os não — anarquistas. Não passa, porém, duma ficção, duma quiméra própria de cérebros imaginosos, de pura e perfeitíssima utopia — acrescentam para logo.

Mas ficção, mas quiméra, mas utopia, por quê? Porque, para ela ter logar, necessário seria reformar o coração humano, arrancar de lá os máus sentimentos, substitui-los por bons — respondem quasi todos. No estado deploravel em que a sociedade se encontra — o egoismo alteando-se ameaçador, a hipocrisia, o vicio, a mentira dominando — é loucura rematada sonhar no advénto duma outra sociedade onde estes mesmos homens, tigres que se entredevóram, fossem anjos.

— Esses homens que tais futeis coisas me dirigem com o ar, não já de quem descobriu a pedra filosofal, mas de quem arremessou a um adversário a machadada implacavel dum argumento irrespondivel, fulminante, — vêr-se-iam, pela certa, em terriveis calças pardas, se alguem os convidasse a dar uma explicação séria, positiva, scientífica, da rasão porque trajam, fumam, escrevem, giram e procedem como o comum dos homens, da própria rasão por que, tratando-se da Anarquia, falam daquéla e não doutra fórma.

E' que essas pessoas julgam-se perfeitamente livres, senhoras absolutas do seu corpo e do seu intelécto, quando não passam, como todos nós, dumas máquinas, pensantes muito embora, duns simples autómatos.

O *livre-arbitrio* foi uma invenção calculãda, hipócrita, dum doutor da egreja, dum membro duma classe opressora, meus amigos! Sendo o homem, como os padres no-lo disem, um produto diréto de deus, á sua imagem e semelhança feito, o homem deveria sêr, lógicamente, irresponsavel, pois que tudo quanto fisésse de bom ou de máu, a deus se deveria atribuir... E foi então que esse doutor canonisado se lembrou do argumento parvo do livre-arbitrio. O homem dimana de deus, sim, — disse — mas possúe o livre-arbitrio, o conhecimento do bem e do mal, podendo, pois, livrar-se deste, praticar aquêle... Isto é irrisório, tão só. O livre-arbitrio não existe; os factos, que são sempre os factos, provam irrefragavelmente, o contrário, isto é — que o homem é determinado. O homem é um producto destes três *meios* — o *cósmico* — o calor, o frio, o vento, o clima, a altitude, a cultura, a vegetação, etc.; o *individual* — a nutrição, o estado de saude, a hereditariedade, a conformação craneána, etc.; o *social* — os hábitos, os costumes da sociedade em que se vive, a profissão, a habitação, o vestuario, a sua higiene, etc. Dos três fatores o meio social é o mais poderoso. Isto é

o que os maiores scientistas da atualidade afirmam, e é uma verdade que ninguem, raciocinando, se atreverá a negar. Os factos a provam.

Quem não notou ainda as influencias diversas que o calor e o frio exercem sobre o nosso sêr? De verão o corpo alquebra-se, uma sonolencia grande nos invade... d'inverno o estómago reclama mais alimento, ganham-se forças novas... Que mudança se não opéra em nosso humor, em nosso fisico e em nosso intelecto, para nós, homens da cidade, com o viver alguns dias em pleno campo? Depois, quem não desculpa a um homem adoentado a sua irritabilidade, a sua preguiça? Quem não sabe que influencias exercem no corpo e no espírito as deficiencias ou má organisação das refeições? E a hereditariedade? E não estará mais sujeito do que outro qualquer a cometer um assassinato – um soldado, a quem ensinaram a matar e que era digno e nobre o matar? E não exercem influencia alguma sobre o individuo as boas ou más leituras? E a educação? Não fórma, não modifica o caracter?

A única liberdade que o homem possúe, meus caros, é a liberdade d'ação. E' senhor de proceder – depois de haver sido determinado. A não sêr assim, como conceber a abstracção «Sociedade»? Pois que é uma sociedade? Um grupo, uma falange d'homens ligados para um fim comum – a Vida –, e imitando-se uns aos outros. Porque não realisamos nós, Anarquistas, em particular, na nossa vida individual, a Anarquia que apostolisamos?

Porque sômos determinados pelo meio ambiente a viver uma vida que nos não agrada. De resto, na Naturesa não ha Bem nem Mal. Ha, tão só, fenómenos vários, efeitos das causas determinantes.

– Ora, sendo isto tudo assim, consoante é, como reformar o coração humano, se os máus sentimentos – a intriga, a hipocrisia, o vicio, o roubo, etc. etc. – que, hoje em dia, se encerram a dentro do coração do homem, são o fruto désta mesma sociedade contra a qual nos levantámos? Como faser cessar o efeito, sem destruir a causa?

Não, meus amigos, a Anarquia é uma verdade inabalavel. E' a vida do futúro, quer o queiraes quer não. Ela ha de nos ser trasida pela Revolução Social próxima – Revolução que eu não aconselho, não propágo, mas que presinto. Todos nós concorremos para ela – a gran Libertadora! O inventor que nos apresenta um novo modelo aperfeiçoado de máquina, aumentando a legião inumeravel dos Sem-Pão, dos descontentes; o propriétario duma tipografia imprimindo-me, para aumentar seu capital, a revista, o jornal, ou o folheto com que auxilio a propaganda; o próprio déspota, o tirano, o verdugo, fazendo perder ao povo ingénuo a confiança nos governos, provocando á revolta os mais timoratos.

Ela virá, ela virá – a gran Libertadora. E depois, quando, para conseguirmos o Pão, não tivermos de nos curvar ao jugo patronal, fingindo amisade e dedicação pelo que nos aluga, mas, hipocritamente, odeiando-o com *cordealidade;* quando, para conseguirem o que todas têem direito a possuir, mulheres não precisarem de vender tôrpemente o corpo; quando, sendo *tudo* de *todos,* não poder existir o roubo; quando, para faser jús a um punhado d'oiro, um homem se não comprometer a assassinar outro, quando, em súma, para viver, o homem não precisar de sér máu, falso, hipócrita e canalha: então a Humanidade será feliz; então os homens serão bons, puros, mansos; então a Paz, o Bem, e o Amor reinarão na Terra.

Até lá – não.

ANGELO JORGE.

NOVE ANOS D'IGNOMÍNIA

(13 de Fevereiro — 1896 - 1905)

Nove anos d'ignomínia, sim! Nove anos d'ignomínia que, nêste momento histórico d'insaciavel investigação scientífica, representam acaso cem anos de cerrada treva intelectual, de cruel fanatismo, d'estúpida opressão! Nove anos d'ignomínia que rebaixam, aviltam e emporcalham a Conciencia Humana, calcam, enlameiam, prostituem a dignidade específica! E' o homem tornado bêsta. E' o cidadão mudado em escravo. E' a justiça dos homens do século da Sciencia, que regressa aos tempos ominosos da Inquisição. E' a infamia triunfante. E' o assassinato da Rasão, o apedrejamento da Verdade!

* * *

Encarcerar o Pensamento Humano! Onde se viu aí maior infámia, mais tremendo ataque á Rasão e á Sciencia? Pois se os meus pensamentos são o resultado diréto das minhas sensações, das impressões que recebo do meio social ambiente, como pretendeis proibir-me de pensar désta ou daquéla fórma, como pretendeis evitar que eu pense de maneira divérsas daquéla a que sou, fatalmente, obrigado a pensar?! Arrancai-me, então, os olhos com que vejo o tumultuar contínuo das paixões humanas, com que leio o que as maiores cerebrações do mundo escreveram e os tipógrafos e impressores me déram em livros ou em jornaes. Tapai-me os ouvidos com que escuto os lamentos, as imprecações de milhares de desgraçados, com que ouço a palavra de meus semelhantes. Privai-me do dom natural da palavra. Privai-me do olfáto e do tácto. Abri meu cérebro, esvasiai-o. E então — se podeis conceber a vida individual nêsses termos — eu deixarei de pensar!

Encarcerar o Pensamento Humano...

Nésta frase, assim despida de atavios, resume-se, condensa-se, concretisa-se toda a vossa infamia, toda a vossa indignidade, toda a irracionalidade e toda a deshumanidade da vossa justiça hedionda — oh homens do Governo, oh carrascos da Humanidade!

* * *

E é num paiz cuja religião oficial se diz apoiada nas doutrinas de Jesus Cristo, e é numa sociedade que se diz cristã, — que tais átos d'iniquidade se praticam, que tais infámias clamorosas teêm logar!

Mas Cristo, oh burguêses! foi um bom — e vós sois infames. Cristo, oh homens do Governo! foi cheio de perdão — e vós sois intolerantes. Cristo prégava a humildade, e éra um humilde; prégava e egualdade e a fraternidade, e oferecia metade da sua túnica aos que um farrapo não cobria. E vós, burguêses! e vós, homens do Governo! sois os zangões da colmeia social, sois os parasitas do trabalho, sois o monstro de fauces sempre abertas, prontas a tragar quanto de bom, quanto de util e de necessário no mundo produz esse etérno Condenádo, esse etérno Expoliado que se chama — o Trabalhador!

Discípulos de Cristo!...

Ah! sim, vós o sois! — o discípulo traidor que o vende, a cada passo, por um prato de lentilhas...

Andasse ainda pelo mundo o meigo Rabi da Galileia, com sua túnica singela e suas alpercatas, a prégar a Egualdade e a Fraternidade, a incitar á guerra santa aos opressores e aos tiranos, a apostolisar a pás e o amor entre os homens, ele que foi,

talvês, o primeiro Anarquista de todo o mundo, — e vós, burguêses, e vós, homens do Governo! manda-lo-eis para o degrêdo, a apodrecer o magro côrpo anemisado na inféção dum charco nauseabundo!

* * *

Homens do Governo! Se este sangue impetuoso que me estúa nas veias podesse acaso pagar a vida, a libertação dêsses centos d'infelises, de desgraçados, que a vossa arbitrariedade, que a vossa monstruosa iniquidade condenou á morte lenta, a mais horrorosa de todas as mortes, — ah! eu deixa-lo-ia correr bem á vontade, com a satisfação e a conciencia de bem ter cumprido o meu dever de homem!

Nada vale o sacrificio duma vida, porém, em tal conjuntura.

Ergo, no emtanto, eu tambem, a minha vóz indignada, e sem temor, brado aos vossos ouvidos indiferentes:

— Revogai! revogai a lei scelerada de 13 de Fevereiro de 1896!

Nove anos d'ignomínia, que hão rebaixado Portugal á condição do mais indigno, do mais vil dos paizes do mundo, — são o suficiente, já.

Basta! basta d'opressão!

Basta d'iniquidade!

Esmagai, calcai, pulverisai essa lei traidora, essa lei inféta, essa lei-imunda! — essa fôrca, esse calvário, esse padrão de bestificante ignomínia!

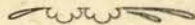
Não é uma súplica, isto, súplica feita de joelhos, erguida de mãos postas. E' uma exigencia.

Exige-o a Conciencia Humana.

Exige-o a Rasão.

Exige-o a Sciencia.

Homens do Governo: basta! basta!...

NÓS.

BIBLIOGRAFIA

IL TRAMONTO DEL DIRITTO PÉNALE. — Luigi Molinari, diretor da interessantíssima revista italiana «L'Universitá Popolare», apreciada sobretudo pelos socialistas e pelos anarquistas scientíficos, acaba de publicar um gracioso volumesinho intitulado *Il tramonto del Diritto pénale*, cheio dum vivo interesse, onde o autor combate valorosamente pela verdadeira Justiça. Recomenda-se essa obra a todos os homens d'espírito independente, bem cómo áqueles escritores que necessitem documentar-se para lutar contra o que se convencionou chamar — a *justiça burguesa*, e tentar substitui-la por uma justiça real, em harmonia com as aspirações modernas. — Preço, 1 lira. Pedidos á revista «L'Universitá Popolare», 13, via Tito Speri, Mantova (Itália) — *Henri Zisly.*

ALÉRTA. — Ano 1.º N.º 1. Diretor, *Domingos Ferreira.* Secretário de redação, *Francisco Guimarães.* E' um novo e bravo combatente que vem tomar seu posto na falange dos que lutam pelo Bem. Este número inicial traz o sumário seguinte: O nosso aparecimento, *A Redação.* — Blasfemias, *Heliodoro Salgado.* — O péssimismo, *Angelo Jorge.* — A montaria, *Guilherme de Sousa.* — Abutres. — Importante, *A Redação.*

Avulso, 20 reis. A' venda em nossa administração, e na sua redação, em Barcelos.

EDITOR RESPONSAVEL
Joaquim do Carmo.

TIP. UNIVERSAL
Trav. de Cedofeita, 54